



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento" dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

STORYTELLING NA DISCIPLINA DE ARTE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Diana Silveira de Almeida¹

Rede Municipal de Ensino da Estância Turística de Salto/SP

Débora Santhyago Carvalho²

Rede Municipal de Ensino da Estância Turística de Salto/SP

Resumo: O presente trabalho aborda a utilização de metodologias ativas por meio de um relato de experiência aplicado na disciplina de Arte. A proposta consistiu no planejamento e na execução de uma sequência didática fundamentada na “Aprendizagem por Histórias” combinada com as linguagens do teatro de bonecos e das artes visuais, voltada a turmas de 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais da rede pública municipal da Estância Turística de Salto/SP. O referencial teórico estruturou-se nas premissas de aprendizagem ativa e autônoma de Bacich e Moran, nas definições conceituais de *storytelling* de Xavier e na clássica estrutura dramática de três atos inspirada na *Poética* de Aristóteles. Os dados foram coletados por meio de registros verbais (produções de roteiros textuais autorais) e não verbais (produção plástica de palitoches e cenários). Os resultados demonstraram que o estímulo à imaginação permitiu aos alunos projetarem suas próprias vivências socioculturais nas narrativas criadas, despertando um forte sentimento de autoria, autonomia e engajamento prático. Conclui-se que a inovação pedagógica e o protagonismo discente são potencializadas quando articulados a uma gestão escolar democrática e flexível, capaz de respaldar a autonomia docente no desenho de novos itinerários formativos.

Palavras-chave: Metodologias Ativas; Aprendizagem por Histórias; teatro; artes visuais.

¹ Mestra em História e graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas. Professora de Arte na Rede Municipal da Estância Turística de Salto/SP. Linha de pesquisa em Arte e Conhecimento Histórico. dianasilveira_13@hotmail.com. • <http://lattes.cnpq.br/1885141762951480>

² Licenciada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas pelo Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (CEUNSP). Gerente de Área de Arte na Rede Municipal da Estância Turística de Salto/SP. Atua e pesquisa na área de Artes, com ênfase no Ensino de Arte e práticas pedagógicas na Educação Básica. arte@edu.salto.sp.gov.br • <http://lattes.cnpq.br/1367769060748299>

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





Introdução

A presente pesquisa consistiu na utilização de metodologias ativas aplicadas aos estudantes do Ensino Fundamental Anos Iniciais, da rede pública da cidade de Salto. A ideia foi desenvolver uma sequência didática, mediante os seguintes requisitos: as linguagens artísticas (visual e cênica) desenvolvidas foi apresentação de palitoques em grupos; foram necessárias a quantidade de seis horas/aulas para desenvolver toda a atividade; as turmas de estudantes foram os 5ºs (quintos) anos; e, por fim, adotou-se a metodologia ativa de "storytelling", aprendizagem por histórias.

"Storytelling", que literalmente significa "contar história", é um termo utilizado, atualmente, para nomear uma metodologia ativa. No entanto, remete a uma prática milenar de passar informações de formas literais ou lúdicas para outras pessoas. Xavier (2015), entende o Storytelling a partir de três definições: 1) Definição pragmática: Storytelling é organizar cenas de forma coesa e cativante, de modo a prender a atenção e facilitar a compreensão de uma ideia principal; 2) Definição pictórica: Storytelling é como a montagem um quebra-cabeça, criando uma imagem marcante; 3) Definição poética: Storytelling é a sobreposição de elementos narrativos, edificando construções imaginárias cheias de significado.

Tendo por base a ideia de que o ato de contar histórias depende primeiro de um roteiro a ser seguido, a narrativa utilizada abarcou a estrutura de três atos, atribuída a Aristóteles (1997), descrita inicialmente em sua obra "Poética". Segundo essa abordagem, uma história eficaz deve ser dividida em três partes essenciais: prólogo (ou início), episódio (ou meio) e êxodo (ou fim). Cada uma dessas partes cumpre um papel fundamental na progressão dramática e na construção do arco narrativo.

Metodologia ou Material e Métodos

A proposta pedagógica foi organizada metodologicamente em forma de sequência didática. O plano de ensino teve por base a metodologia ativa "Aprendizagem por Histórias" ou "storytelling".

As aulas foram divididas da seguinte maneira:

1. Transmissão de vídeos sobre teatro de bonecos, fantoches e palitoques seguido de roda de conversa;



IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

2. Criação do personagem, tendo por base uma ficha técnica, que contemplava as seguintes características: nome, idade, o que o seu personagem gosta, o que ele não gosta e a história dele. A produção foi finalizada com um esboço dos personagens;
3. Produção dos palitoques. Foi entregue aos alunos uma cópia com um formato de corpo humano a ser completamente preenchido, permitindo, assim, que eles pudessem criar seus personagens livremente;
4. Em grupos, os estudantes apresentaram seus personagens uns aos outros e, após entrar em um consenso, criaram um texto teatral.
5. Finalização do texto teatral e ensaio. Alguns grupos, criativamente, aproveitaram esse tempo para produzir cenários com os materiais que possuíam em mãos;
6. Apresentação das peças teatrais, com comentários e impressões dos grupos participantes e espectadores.

Resultados e Discussão

Logo na primeira aula, em que foram apresentados a produções artísticas de teatro de bonecos, foram levantadas questões de como o material foi utilizado para produzir os personagens e o cenário; como foi desenvolvido o texto teatral; quais personagens se faziam entender melhor pela entonação da criança que o utilizava; etc.

Nas segunda e terceira aula, que correspondiam à criação de ficha técnica e do personagem, percebe-se extrema empolgação dos alunos. É um momento de fruição da criatividade, na qual eles projetam suas ideias, sonhos, perspectivas, gostos e costumes. Isso se faz visível ao notar quantos meninos fazem jogadores de futebol de sucesso, colocando o seu próprio nome e citando seus times favoritos. Ou, quando uma criança faz o personagem de uma história de gosta bastante, como monstros de filmes e personagens de anime e desenhos animados.

Na quarta aula, os estudantes foram orientados a fazer grupos. Os alunos foram instruídos a lerem suas fichas técnicas uns para os outros, e assim, pensarem em algum lugar (ou cenário), onde esses personagens poderiam se encontrar. Nessa aula, a lousa foi preenchida com orientações para a produção do texto teatral. Nesta etapa, os alunos receberam a instrução de escrever as falas de cada personagem, mas, até pela natureza da escrita que eles estão acostumados a produzir nessa faixa etária, as produções foram todas em formato de texto

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

narrativo. As produções dos alunos apresentam resultados que abrangem o universo deles, tanto em questões lúdicas quanto costumes cotidianos.

Como exemplo, em um dos textos produzidos, um grupo de amigas vão passear juntas no shopping, se divertem e vão na sorveteria. O conflito dessa história é ter acabado o sabor de sorvete que elas queriam, e elas resolveram escolhendo outro. A narrativa termina com elas indo para casa e dormindo. Aqui vemos traços de ingenuidade e problemas simples da infância.

Em outro texto o personagem principal é um jogador de futebol e todos que participam são familiares dele, inclusive há uma namorada. Relações românticas não são tão comuns nessa idade, mas foi um elemento que apareceu nesse grupo. Os personagens saem para passear e chove, ao retornarem para casa eles percebem que a luz acabou. Esse item é algo comum de acontecer nesta cidade, apesar de chover pouco, é normal a energia cair por uns instantes após uma estiada. Em seguida, aparece outra situação rotineira das crianças, que é a resolução do problema da falta de luz, acendendo velas. A energia volta para a felicidade de todos e outro passeio, diferente aos olhos deles, é proposto: passear de carro. Todos dizem sim pois ficam contentes ao passearem de carro, e a história termina com eles se divertindo no trajeto.

Enquanto que no primeiro texto percebemos situações mais singelas e leves (como o problema ser não ter um sabor de sorvete), no segundo aparecem problemas mais contundentes e situações que evidenciam questões sociais e culturais diferenciadas (falta de luz por conta de chuva, passeio de carro) relacionadas a elementos imaginativos (como um dos personagens ter uma profissão cobiçada pelas crianças dessa idade).

Na quinta aula, foi permitido um tempo para que os grupos que não haviam terminado seus textos, pudessem fazê-lo e em sequência, ensaiar suas apresentações. Esse momento "livre" permitiu um ócio criativo a alguns alunos, que, sem orientação alguma, passaram a criar objetos cenográficos e cenários com o material que eles tinham em mãos.

A sexta aula foi dedicada às apresentações propriamente ditas. Os alunos ficaram livres para "montar" a sala da maneira como preferiram. Eles foram orientados a falar alto para todos escutarem, contudo eles possuem o costume de iniciar falando alto e depois ir baixando gradualmente o tom da voz, conforme leem e se concentram em seus papéis. Erros de leitura e confusão na entrada de falas são normais e isso gera bastante ansiedade no restante do grupo, que normalmente intervém no meio da apresentação para chamar a atenção do colega que não

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

falou a tempo ou que errou alguma coisa. Essas situações deixam as apresentações confusas para a compreensão de outras crianças.

Ademais, após terminarem a primeira vez eles sempre são incentivados a realizarem uma autoavaliação, para que possam identificar áreas de melhoria e fazer ajustes em seu aprendizado, tal qual orienta Bacich e Moran (2018). Após esse momento, eles realizam uma nova apresentação, na qual procuraram acertar o que eles consideraram que precisava ser melhorado. Nessa parte é comum acontecerem desentendimentos e, por vezes, intervenções são necessárias para acalmar os ânimos e trazer razoabilidade para a atividade.

Em suma, a maioria dos grupos conseguiu apresentar bem, demonstrando clareza, entrosamento e vontade de fazer um bom trabalho. Ao final das apresentações foi unânime a pergunta “podemos levar o bonequinho para casa?”, o que demonstra o significado, o pertencimento, a criticidade e autonomia em relação ao material e às apresentações produzidas.

Conclusão

Pode-se considerar que os alunos foram protagonistas na criação de seus personagens e de suas narrativas, fazendo-se valer a ideia da metodologia ativa, visto que o aluno esteve como um participante ativo, foram desafiados a aplicar o conhecimento de forma prática em uma proposta diferenciada que os fez trabalhar individualmente e posteriormente de modo colaborativo.

Os estudantes tiveram a oportunidade de trabalhar em equipe, o que por vezes gerou desentendimento, mas também se apresenta como uma maneira de trabalhar a habilidade de sociabilização, promovendo a comunicação e colaboração. Percebeu-se engajamento e comprometimento desde o início da proposta, até a apresentação final e feedback.

Referências

- Aristóteles. 1997. **Poética**. Tradução de Eudoro de Sousa. São Paulo: Edusp.
- Bacich, L.; Moran, J. M. (Org.). 2018. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso.
- Faria, W. 2014. **Arte Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva.
- Xavier, A. 2015. **Storytelling: histórias que deixam marcas**. 1. ed. Rio de Janeiro: BestSeller.
- Santos, R. 2019. **A Força das Histórias na Educação**. Porto Alegre: Editora Acadêmica.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:

